

TEM-TE-BEM

DE LUISA CUNHA



Exposição dedicada a:
exhibition dedicated to:

Isabel Mendes

TEM-TE-BEM

DE LUISA CUNHA

Abrantes continues to welcome the greatest visual educators.

Once again, the Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes – Figueiredo Ribeiro Collection hosts some of the finest expressions of human creativity.

The product of an artistic residency in Abrantes, Luisa Cunha’s singular contribution emerged, according to the artist, out of “a delightful idle entertainment among friends”.

Our timeless toponymy has received the powerful stamp of her moving sensibility and creative intensity.

A grateful tribute. A serene celebration of the men and women of Abrantes.

TEM-TE-BEM [MIND-YOUR-STEP], Luísa Cunha.

Maria do Céu Albuquerque

Mayor, City Council of Abrantes

Por Abrantes continuam a circular os que melhor nos ajudam a educar o olhar.

E o Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes – Coleção Figueiredo Ribeiro reforça o apelo às mais belas expressões do espírito criativo.

Fruto de uma residência artística em Abrantes, o trabalho singular de Luisa Cunha resultou, conforme palavras da Artista, de “um delicioso exercício de ócio entre amigos”.

A nossa intemporal toponímia permitiu um registo flagrante da sua sensibilidade enternecedora e da sua intensidade criativa.

Uma reconhecida homenagem. Uma tranquila consagração dos abrantinos e das abrantinas.

TEM-TE-BEM, Luísa Cunha.

Maria do Céu Albuquerque

Presidente da Câmara Municipal de Abrantes

A brief note...

4 June 2016, the day in which the Comodate between the Municipality of Abrantes and the Figueiredo Ribeiro Collection was signed, also witnessed the opening of the Collection's first exhibition in its new premises, back then still known as the Municipal Gallery. Among our visitors on that day, I had the pleasure to welcome Luisa Cunha, who right then showed great interest in **Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes - Coleção Figueiredo Ribeiro**; she was actually the first artist to apply for a residency there, in the former house of the Chief Fireman, which is now an artistic residence next to the Quartel, and will in the future house other artists. The exhibition we now present to the public is the result of the work carried out by the artist during her time in Abrantes.

Luisa needs no introduction: her career, in spite of a late start when compared to the majority of her colleagues, is quite unique. A few years after graduating in philology, she decided to study art at Ar.Co, a school where she would later teach. I have been following Luisa's work for many years and we have known each other for about four; this personal acquaintance has done nothing but reinforce my certainty regarding the quality of her artistic practice, a certainty shared by many art critics and, perhaps most importantly, by her peers. For those who do not know her, I will say that Luisa greatly loves looking at what surrounds her: her outlook is very attentive, but at the same time relaxed and pressure-free. This mindset, I believe, is quite visible in her work.

Once, I read in an interview of hers the following words: 'I think that art has to do with how each person works; each person works in a specific way, and this is how I work'. I think that this sentence is a good illustration of the kind of person this artist is and, for me, Luisa and her art work very well.

Thank you, Luisa, for exhibiting at Quartel!

Fernando Figueiredo Ribeiro
May 2017

Uma breve nota...

Quando no dia 4 de Junho de 2016 foi assinado o contrato de comodato entre o Município de Abrantes e a Coleção Figueiredo Ribeiro, inaugurámos também aquela que foi a primeira exposição da Coleção no seu novo espaço, na altura ainda Galeria Municipal. Entre os que nos visitaram nesse dia, tive o gosto de contar com a Luisa Cunha, que logo ali manifestou um grande interesse pelo **Quartel da Arte Contemporânea de Abrantes - Coleção Figueiredo Ribeiro**, tendo sido a primeira artista a mostrar vontade em fazer uma residência, instalando-se na antiga casa do comandante dos bombeiros, hoje residência artística anexa ao Quartel e que no futuro virá a acolher outros artistas. A exposição agora mostrada ao público decorre do trabalho que a artista desenvolveu ao longo do tempo que passou em Abrantes.

A Luisa dispensa apresentações, tem uma carreira que, apesar de um início tardio quando comparado com os padrões normais, teve um percurso singular. Começou por se licenciar em filologia e passados uns anos dedicou-se à arte, tendo sido aluna e professora do Ar.Co. Sigo a carreira da Luisa há muitos anos e conhecemo-nos há cerca de quatro; este conhecimento pessoal apenas reforçou a minha convicção na qualidade da sua prática artística, facto reconhecido por muitos dos críticos de arte e sobretudo, e talvez mais importante, pelos seus pares. Para quem não a conhece, a Luisa tem um grande gosto pela observação do que a rodeia, o que faz de forma muito atenta, mas simultaneamente descontraída e sem pressão. Esta sua característica está, em meu entender, bem patente no seu trabalho.

Em tempos li numa entrevista sua a seguinte frase: "acho que a arte tem a ver com o funcionamento de cada pessoa e cada pessoa funciona de uma maneira específica, e eu funciono assim". Parece-me que esta frase é bem ilustrativa da pessoa que esta artista é e, para mim, a Luisa e a sua arte funcionam muito bem.

Obrigado Luisa, por expor no Quartel!

Fernando Figueiredo Ribeiro
Maio de 2017

Suspended Time

Tem-te-Bem [Mind-Your-Step] references the name of a street in Barcelos, a warning against the imminent dangers that may await those who walk on uneven terrain. Uttered by a disembodied voice, that idiom alludes not only to physical risks, but also to the fragility of the ontological sphere. Located in an antechamber of the exhibition space, the sound installation gives the exhibition its title, which makes it transversal to the group of works displayed. Expressing the unstable balance that underlies all existence, this show makes use of the way the tangential rapport of objects and language to a structural geometry becomes a warrant of stability to which their users have no direct access. This condition is quite explicit in *Objecto #1*, a piece that consists of two solid central axes that expand themselves as filaments, achieving spatial autonomy by displaying indelible visual stability. However, its modest scale and fragmentary constitution give it an objectual condition and, as such, the precariousness of that which holds itself together only by encompassing all spatial coordinates.

In the photo series *Por Agora*, the heteroclitic objects the passer-by finds and captures via the photographic device are set against walls or side-walks, which causes them to develop the silent inertia of geometric surfaces and volumes. Similarly, in the *Contadores* series the gaze of the passer-by alights, surprised at sudden discontinuities on walls from which water meters and the cabinet doors concealing them have been removed, thus revealing the inert matter of their hollowed, deserted surfaces. In the *Uns Debaixo dos Outros* installation, the sight of unmortared bricks suggests a constructive intent, but the fact that they are randomly and massively piled up reduces tectonic stability to the mere units of its production; they are just the debris of burned hovels that, deprived of names and history, enunciate the universality of an ineluctable utopia that de-legitimises any pretension to architectural and, by extension, civilisational perenniality. The sound piece *Uma por Cima da Outra* also deals with the construction of cities as a perpetual accumulation of layers that successively annul themselves. However, the replacement of such street names as 'Rua dos Oleiros,' 'Rua da Cadeia,' 'Rua Cega' or 'Rua do Canzana' [Potters' Street, Jail Street, Blind Street, Tramp Street] with names of individuals whose memory often soon becomes lost is tantamount to the disintegration of the activities or qualities that once were associated with them. A

Tempo Suspenso

Tem-te-Bem reporta-se ao nome de uma rua de Abrantes, advertindo para perigos iminentes, suscetíveis de acontecer a quem percorre terrenos acidentados. Proferida por uma voz incorpórea, a frase reporta-se não só a ameaças de natureza física, mas igualmente à fragilidade do campo ontológico. Instalada numa antecâmara do espaço expositivo, a instalação sonora dá título à exposição e, portanto, torna-se transversal ao conjunto de obras apresentadas. Enunciando um equilíbrio instável, subjacente a toda a existência, esta mostra recorre ao modo como a relação tangencial dos objetos e da linguagem com uma geometria estrutural se torna garante de estabilidade, a que os seus usuários não têm acesso direto. Condição deveras explícita em *Objecto #1*, constituída por dois sólidos eixos centrais que se expandem através de filamentos, adquirindo a sua autonomia espacial graças à ostentação de uma estabilidade visual indelével. Não obstante, a sua escala modesta e a sua constituição fragmentária atribuem-lhe uma condição objectual e, como tal, a precariedade do que se sustém apenas ao abranger todas as coordenadas espaciais.

Na série fotográfica *Por Agora*, a panóplia heteroclita de objetos que o transeunte vai encontrando e fixando através do dispositivo fotográfico são encostados a paredes ou passeios até possuírem a inércia silente das superfícies e volumes geométricos. Do mesmo modo, na série *Contadores* o olhar do transeunte pausa e surpreende-se aquando da súbita ausência de fluxo, em paredes de onde foram retirados contadores de água e as portas que os ocultavam; revelando a matéria inerte, a superfície escavada denota a desertificação a que foram votadas. Na instalação *Uns Debaixo dos Outros*, a visão de tijolos sem argamassa sugere um intuito construtivo, mas aquando da sua acumulação de modo aleatório e massivo, da estabilidade tectónica apenas restam os módulos da sua produção; tratam-se apenas de escombros de habitáculos que, queimados, sem nome e sem história, enunciam a universalidade de uma inevitável entropia, que retira legitimidade a qualquer pretensão de perenidade arquitetónica e, por acréscimo, civilizacional. Também a obra sonora *Uma por Cima da Outra* aborda a edificação das cidades como acumulação perpétua de camadas, que se vão anulando sucessivamente. Mas a substituição de nomes de ruas como "Rua dos Oleiros", "Rua da Cadeia", "Rua Cega" ou "Rua do Canzana" por nomes de figuras individuais que, amiúde, se

kind of neutrality is thus superimposed on the field of narrative and history, as the supposed warrant of an existential stability provided by a strictly abstract system.

In her exploration of how time is recurrently interrupted by the pretensions and pressures of so-called modernity, Luisa Cunha picks up infinitesimal, near invisible signs and then highlights their condition by placing them outside their context. Isolated through photographic framing, through the sole use of voice or through the reversion of their utility – in the case of the burned bricks –, visual or verbal events are rescued from oblivion. If the flow of memory's time in the city is stopped by the vortex of the present, this exhibition agglutinates that symptom, but only to redeem all that it has contaminated. The sudden interruption of time's flux is thus subverted by its very suspension, which allows the elements to manifest their presence and vitality. Only thus they can act as a negative mirror of the anonymity and neglect into which they had fallen. It is precisely via time's suspension that, within these images and actions, time's flux can display its indelible power. Life – be it urban, historical or individual – is now equated as a *machina mundi*, as a functionalist mechanism in constant operation that can be periodically interrupted whenever its logic is altered, abandoning certain of its component pieces. Then, a primordial solitude takes possession of these elements, generating an infinite remoteness that sentences them to isolation in the museological universe, and to alienation from their users.

In Abrantes and elsewhere, Luisa senses that condition and materialises it through the photographic framing of objects duly arranged against walls or of the voids generated by broken casings that have been permanently deprived of their water meters. The collapse with no apparent cause of an unidentifiable construction suspends its space-time location, the burned bricks the sole sign of a loss that is irremediable and propagated ad eternum. In the sound pieces, the street names lose the materiality of writing to be uttered by voices that, issuing from loudspeakers only, are inscribed into an inner time, unlimited by definition. Thus, *Tem-te-Bem* focuses on the ineffable dimension of the ontological field, while *Uma em Cima da Outra* dilutes the hierarchy between the present and the past, inscribed in the stone of the plates, by transferring both of them to the regime of passage, incorporated by the human voice. Time is suspended only so that it may display all its weight, materialising itself as an inner silence that places the verbal, objectual and even spatial fields within the realm of matter, which is inherently fated to per-

perderam da memória corresponde à pulverização das atividades ou qualidades que outrora lhes eram inerentes. Ao campo da narrativa e da história foi sobreposta uma neutralidade que, pretensamente, se torna garante de uma estabilidade existencial proporcionada por um sistema rigorosamente abstrato.

Recorrendo ao modo como o tempo vai sendo interrompido pelas pretensões e premências do que se entende por moderno, Luisa Cunha capta sinais ínfimos e quase invisíveis para, de seguida, enfatizar a sua condição ao colocá-los fora do seu contexto. Isolados por enquadramentos fotográficos, pelo recurso exclusivo à voz ou pela inversão da sua função – nos tijolos queimados –, os acontecimentos visuais ou verbais são resgatados do oblívio. Se o tempo da memória é estancado na cidade pelo vórtice do presente, esta exposição aglutina esse sintoma, mas apenas para redimir tudo aquilo que por ele foi atingido. A interrupção brusca do fluxo temporal é assim subvertida pela sua mesma suspensão, através da qual os elementos podem manifestar a sua presença e vitalidade. Apenas através desta estratégia podem funcionar como espelho negativo do anonimato e abandono a que foram entregues. No entanto, será pelo recurso à suspensão temporal que, no interior das imagens e das acções, o fluxo temporal manifesta o seu indelével poder. A vida – seja urbana, histórica ou individual – passa a ser equacionada como *machina mundi*, como mecanismo funcionalista permanentemente acionado, que, periodicamente, pode ser interrompido aquando da alteração da sua lógica, deixando ao abandono diversas das suas componentes. Uma solidão primordial apodera-se então desses elementos, instaurando uma distância infinita que os sentencia ao isolamento do universo museológico, assim como à alienação dos seus utentes.

Em Abrantes e noutras paragens, Luisa pressente essa condição e materializa-a pelo recurso a enquadramentos fotográficos de objetos, devidamente arrumados e encostados a paredes, ou dos vazios criados por caixas arrombadas cujos contadores de água se encontram definitivamente ausentes. A derrocada de uma construção inominável e provocada por causa alguma suspende a sua localização espaço-temporal, sendo a queimadura dos tijolos o único indício de uma perda irremediável e propagada *ad eternum*. Nas obras sonoras, os nomes das ruas perdem a materialidade da escrita para serem ditos por vozes que, emitidas apenas por altifalantes, são inscritas num tempo interior, por definição ilimitado. Assim, *Tem-te-Bem* é direcionado para o inefável do campo ontológico, e *Uma em Cima*

petual transformation, being subjected to the influence of time.

Fernando J. Ribeiro

da Outra dilui a hierarquia do presente e do passado, fixada na pedra das placas, ao transferi-los para o regime da passagem, incorporado pela voz humana. O tempo é suspenso apenas de modo a que possa manifestar todo o seu peso, materializando-se num silêncio interior que deposita tanto o campo verbal como objetual ou, inclusive, espacial no domínio da matéria, que, por inerência, está votada a uma perpétua transformação, porque entregue aos desígnios temporais.

Fernando J. Ribeiro

LUIA CUNHA

Luisa Cunha was born in Lisbon in 1949, where she lives. She attained Sculpture at Ar.Co – School of Visual Arts, Lisbon. She has been developing her creativity by using text, sound, drawing, photography, video, sculpture, *performance*, intensly using words under most variable perspectives. Artist represented by Galeria Miguel Nabinho (Lisbon). She has been exhibiting since 1993.

Her solo exhibitions include amongst others *Tem-te-bem*, Quartel, Abrantes; *Ongoing Landscapes*, *A Bit of Matter and a Little Bit More*, *Luisa* at Galeria Miguel Nabinho, Lisboa, 2013, 2015; 2016 *Luisa Cunha*, Fundação de Serralves, Porto, 2007, *Luisa Cunha*, CGD-Culturgest, Porto, 2007; *Words for Gardens*, Chiado 8, Fidelidade Mundial, 2006; *Red Shoes*, Espaço ao Cubo, Centro Alegro, Alfragide, 2009 *Red Hot*, at the space Um Certa Falta de Coerência, Porto, 2010; *Red Shoes*, Espaço ao Cubo, Centro Alegro, Alfragide, 2009; *Luisa Cunha – anthological exhibition*, Fundação de Serralves, Porto, 2007; *Luisa Cunha* - Fundação de Serralves, Porto, 1998/99; *Luisa Cunha*, CGD-Culturgest, Porto, 2007; *Words for Gardens*, Chiado 8, Fidelidade Mundial, 2006; *Luisa Cunha*, Fundação de Serralves, Porto, 1988/89.

She has participated in several group exhibitions which include amongst others *O que eu sou*, Museu EDP, Lisbon, 2017; *Quarto de Espanto*, Centro de Cultura Contemporânea, Castelo Branco, 2017; *Histórias-Obras da colecção de Serralves*, Porto, 2014; *A2V*, *Casa das Mudanças*, Madeira, 2013 *Grito*, MUSAC, León, Spain, 2011; *Portugal Criativo.jpg* included in the program *Portugal Convida 2011*, FAD (Fomento de las Artes y del Diseño), Barcelona, 2011; *Zona Letal*, *Espaço Vital*, itinerant exhibition of the CGD Collection – Caixa Geral de Depósitos, MAC, Elvas, Portugal, 2011; *IMPRESIONES Y COMENTARIOS* Fotografía contemporânea portuguesa. Obras de la Colección BESarte - Banco Espírito Santo y Colección Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Fundación Foto Colectania, Diputación de Valencia, Sala Parpalló, Valencia, Spain, 2010; *Gritos de artistas/ Artists' Cries* project of Ana Borralho&João Galante (edition of 1 CD) included in the Project of Artadentro Gallery in collaboration with Algarve University Radio- RUA FM running in Arte Rádio, Algarve, 2010; *Mono*, project by António Olaio and Carlos Antunes, CAPC, Coimbra, 2010; *Linguagem e Experiência. Obras da Colecção da*

LUIA CUNHA

Luisa Cunha nasceu em Lisboa, onde vive. Curso Avançado de Escultura no Ar.Co –Escola de Artes Visuais, Lisboa. Tem desenvolvido os seus projectos utilizando texto, som, fotografia, vídeo, escultura, desenho, *performance*, fazendo intenso uso das palavras nas mais variadas perspectivas. A artista é representada pela Galeria Miguel Na-binho em Lisboa. Expõe desde 1993.

As suas exposições individuais incluem entre outras, *Ongoing Landscapes*, *A Bit of Matter and a Little Bit More*, *Luisa* at Galeria Miguel Nabinho, Lisboa, 2013, 2015; 2016 *Luisa Cunha*, Fundação de Serralves, Porto, 2007, *Luisa Cunha*, CGD-Culturgest, Porto, 2007; *Words for Gardens*, Chiado 8, Fidelidade Mundial, 2006; *Red Shoes*, Espaço ao Cubo, Centro Alegro, Alfragide, 2009; *Hot Red Hot*, no espaço Uma Certa Falta de Coerência, Porto, 2010; *Dois Linhas*, Espaço Escritório/ Avenida 211, Lisboa *I'll be back*, projecto *A Montra*, loja nº 132, Calçada da Estrela, Lisboa, 2013; *Ongoing Landscapes*, Galeria Miguel Nabinho, Lisboa, 2013; *Luisa Cunha* – exposição antológica, *Luisa Cunha* - Fundação de Serralves, Porto, 1998/99;

Participou em várias exposições colectivas de que se destacam *O que eu sou*, Museu EDP, Lisbon, 2017; *Quarto de Espanto*, Centro de Cultura Contemporânea, Castelo Branco, 2017; *Histórias-Obras da colecção de Serralves*, Serralves, 2014A2V, *Casa das Mudanças*, Madeira, 2013; *El Grito*, MUSAC, León, Spain, 2011; *Portugal Criativo.jpg* incluído no programa *Portugal Convida 2011*, FAD (Fomento de las Artes y del Di-seño), Barcelona, 2011; *Zona Letal*, *Espaço Vital*, exposição itinerante da Colecção da Caixa Geral de Depósitos, MAC, Elvas, 2011; *IMPRESIONES Y COMENTARIOS* Fotografía contemporânea portuguesa. Obras de la Colección BESarte - Banco Espírito Santo y Colección Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Fundación Foto Colectania, Diputación de Valencia, Sala Parpalló, Valencia, Spain, 2010; *Gritos de artistas*, projecto de Ana Borralho&João Galante (edição de 1 CD) incluído no Projecto da Galeria Artadentro em colaboração com a Rádio Universidade do Algarve – RUA FM, edição experimental durante 1 semana: a *RADIAÇÃO* (Edition 0), 2010; *Mono*, project de António Olaio e Carlos Antunes, CAPC, Coimbra, 2010; *Linguagem e Experiência. Obras da Colecção da Caixa Geral de Depósitos*, Museu de Aveiro, 2010; *Contentores* Doca de Alcântara, Lisboa, 2010; *Entre Muros*, Óbidos, 2010; *I'm Not Here. An Exhibition Without Francis Alÿs*,

Caixa Geral de Depósitos, Museu de Aveiro, 2010; Containers Project, Alcântara docs, Lisbon, 2010; *Entre Muros*, Óbidos, 2010; *I'm Not Here. An Exhibition Without Francis Alÿs*, De Appel Arts Centre, Amsterdam, 2010; *IV Bienal de Jafre*, Spain, 2009; *A luz, por dentro*, ART AL-GARVE, 2009; *Cinco Estrelas*, Escola Arte Ilimitada, Lisbon, 2009; *Oh!*, Galeria Miguel Nabinho, Lisbon, 2008; *Stream*, Whitebox, New York, 2007; *Partitura*, Casa da Música, Porto, 2007; *Por entre as Linhas/ Between the Lines*, Museu das Comunicações, Lisbon, 2007; *The Invisible Show*, itinerant exhibition at Center for Contemporary Art, Tel Aviv, Israel, 2007, at Centro José Guerrero, Spain 2007 and at MARCO – Museo de Arte Contemporánea, Vigo, Spain 2006; *Caminos: Arte Contemporáneo Portugués – Colección Caixa Geral de Depósitos – últimas adquisiciones* Círculo de Bellas Artes, Madrid, 2006; *Sydney Biennial*, Australia 2004; *Sonoro*, Galeria ZDB, 2000; *Bienal da Maia* 2001 e 2003, Maia; *Experimenta Design 2001*, FIL, Lisboa; *Passos 2000*, Lyceu Passos Manuel, Lisbon, 2000; *Initiare*, Centro Cultural de Belém, Lisbon, 2000; *Jornadas de arte contemporânea*, Palácio do Freixo, Porto, 1996; *Greenhouse Display*, Estufa Fria, Lisbon, 1996; *20000 Minutos de Arte*, Instituto Superior Técnico, Lisbon, 1994; *Peninsulares*, Galeria de Antoni Estrany, Barcelona, 1995; *O papel*, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisbon 1993.

She was awarded a honourable mention by Ernesto de Sousa Scholarship, having also been nominated to several awards.

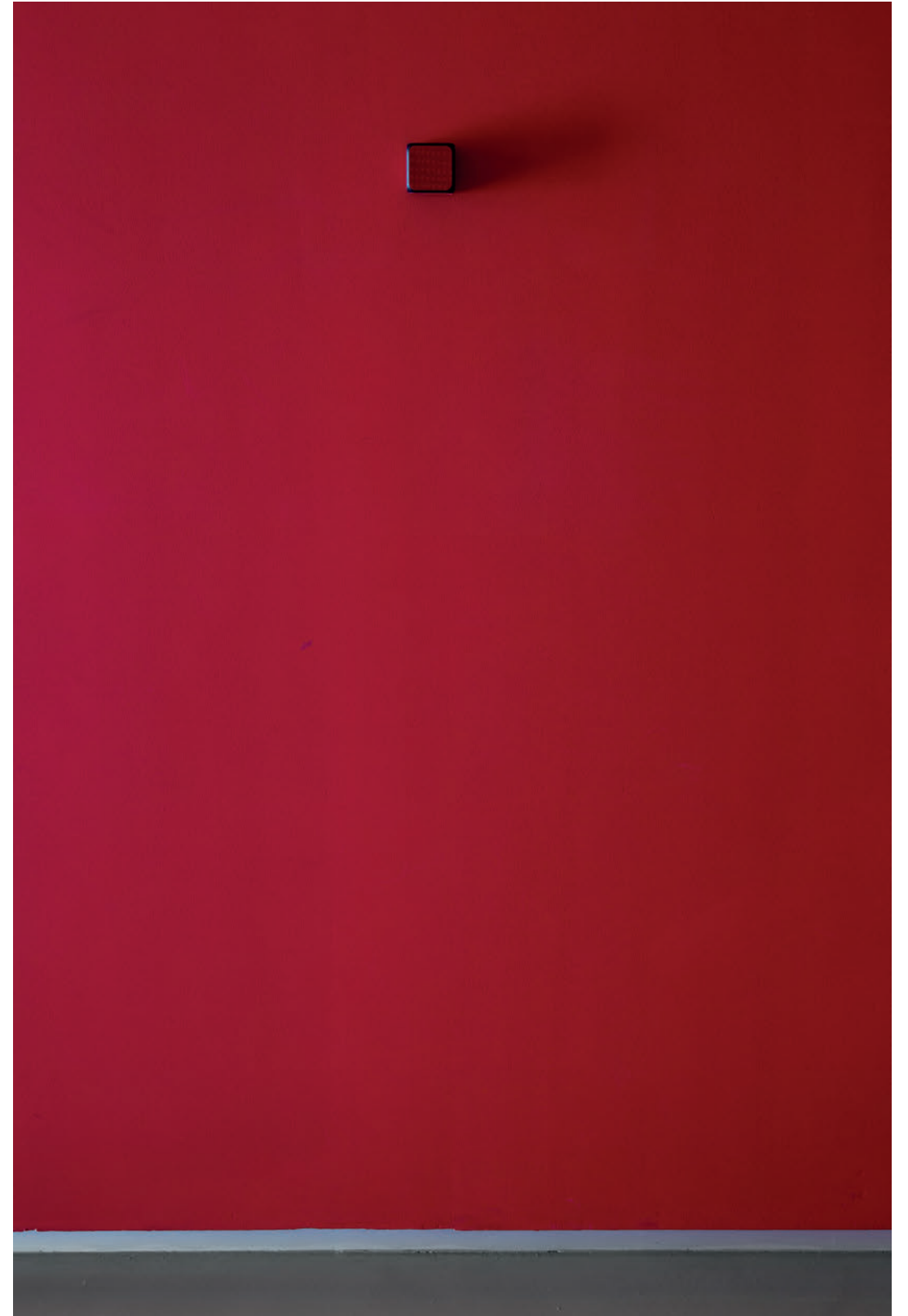
Luisa Cunha's work is represented in: Ministério da Cultura; Caixa Geral de Depósitos; Fundação de Serralves; Fundação Calouste Gulbenkian; Museu das Comunicações; Fundação PLMJ, Fundação EDP, Coleção Figueiredo Ribeiro and in private collections.

De Appel Arts Centre, Amesterdão, 2010; *IV Bienal de Jafre*, Spain, 2009; *A luz, por dentro*, ART ALGARVE, 2009; *Cinco Estrelas*, Escola Arte Ilimitada, Lisboa, 2009; *Oh!*, Galeria Miguel Nabinho, Lisboa, 2008; *Stream*, Whitebox, New York, 2007; *Partitura*, Casa da Música, Porto, 2007; *Por entre as Linhas/ Between the Lines*, Museu das Comunicações, Lisboa, 2007; *The Invisible Show*, exposição itinerante por: Center for Contemporary Art, Tel Aviv, Israel, 2007; Centro José Guerrero, 2007 e MARCO – Museo de Arte Contemporánea, Vigo, 2006; *Caminos: Arte Contemporáneo Portugués – Colección Caixa Geral de Depósitos – últimas adquisiciones* Círculo de Bellas Artes, Madrid, 2006; *Sydney Biennial*, Austrália 2004; *Sonoro*, Galeria ZDB, 2000; *Bienal da Maia* 2001 e 2003, Maia; *Experimenta Design 2001*, FIL, Lisboa; *Passos 2000*, Lyceu Passos Manuel, Lisboa, 2000; *Initiare*, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 2000; *Jornadas de arte contemporânea*, Palácio do Freixo, Porto, 1996; *Greenhouse Display*, Estufa Fria, Lisboa, 1996; *20000 Minutos de Arte*, Instituto Superior Técnico, Lisboa, 1994; *Peninsulares*, Galeria de Antoni Estrany, Barcelona, 1995; *O papel*, Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa 1993.

Foi-lhe atribuída menção honrosa da Bolsa Ernesto de Sousa em 1997.

A sua obra está representada nas seguintes colecções: Ministério da Cultura; Caixa Geral de Depósitos; Fundação de Serralves; Fundação Calouste Gulbenkian; Museu das Comunicações; Fundação PLMJ; fundação EDP; Coleção Figueiredo Ribeiro e em várias colecções privadas.

TEM-TE-BEM







CONTADORES



CONTADORES



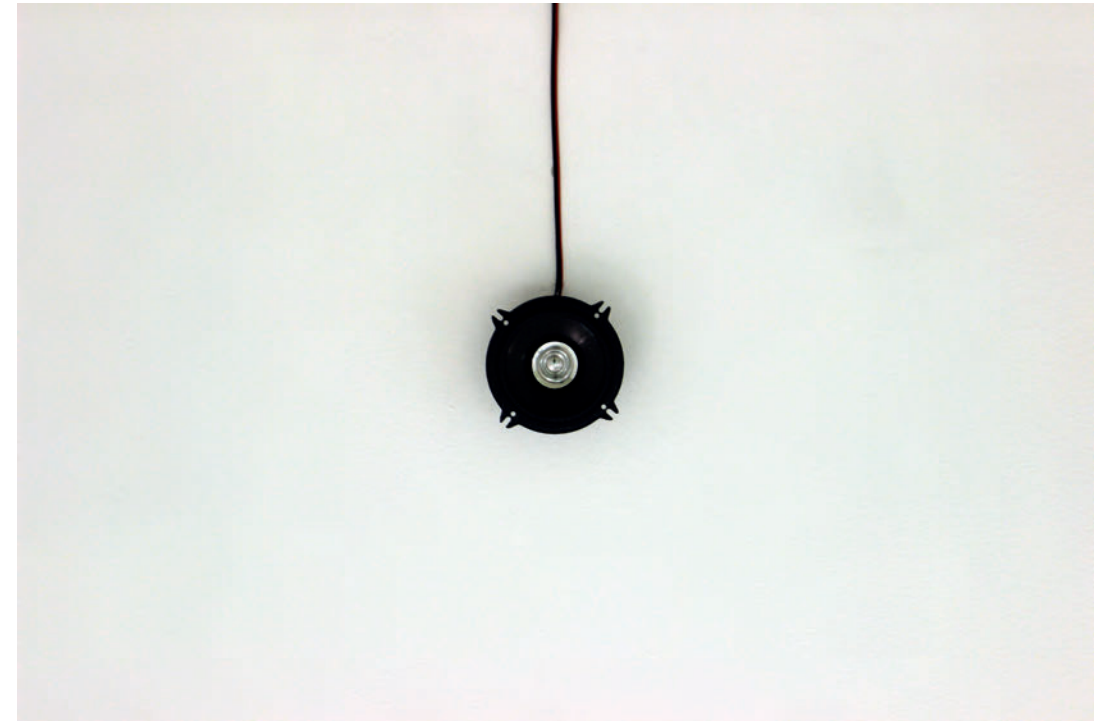
CONTADORES



CONTADORES



UNS DEBAIXO DOS OUTROS



UMA POR CIMA DA OUTRA









POR AGORA

OBJECTO #1



LISTA DE OBRAS / LIST OF WORKS

- 1 - TEM-TE-BEM, 2017, coluna de som vermelha (63x63x63mm), voz gravada (loop)
red sound column, (63x63x63cm), recorded voice (loop)
- 2 - CONTADORES, 2017, 6 fotografias, C-Print, 100x66,5cm
6 photographs, C-Print, 100x66,5cm
- 3 - UNS DEBAIXO DOS OUTROS, 2017, instalação, tijolos de 15cm, dimensões variáveis
installation, 15cm-bricks, variable dimensions
- 4 - POR AGORA, 2017, 7 fotografias, C-Print, 30x22,5cm
7 photographs, C-Print, 30x22,5cm
- 5 - UMA SOBRE A OUTRA, 2017, altifalante (suspenso), diâmetro: 13cm, voz gravada (loop)
loudspeaker (hanging), diameter: 13cm, recorded voice (loop)
- 6 - OBJECTO #1, 1989, madeira (pinho), 3 cores de tinta, 106x106x112cm
wood (pine), 3 colours, 106x106x112cm

EDIÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES

ORGANIZAÇÃO

QUARTEL DA ARTE CONTEMPORÂNEA DE ABRANTES

COLEÇÃO FIGUEIREDO RIBEIRO

DESIGN

SIC

CÂMARA MUNICIPAL DE ABRANTES

FOTOGRAFIA - PÁG. 19, 26, 35

ANTÓNIO CUNHA

ANO

2017

TIRAGEM

300

GRÁFICA

